A REPUBLICA

DAS LETRAS

PERIODICO MENSAL DE LITTERATURA

DIRECTOR — JOÃO PENHA

ADMINISTRADOR — ALFREDO CAMPOS

N.º 3 — PRIMEIRO ANNO — JUNHO

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

—

1875

Litteratura hespanhola

D. JOSÉ AMADOR DE LOS RIOS

Tal é o numero e não outras as condições das obras dadas á luz por Amador de los Rios até 1868. Pouco depois foi nomeado (não sem alguma repugnancia da sua parte) director do Corpo de archivistas, bibliothecarios e antiquarios com destino ao Museu archeologico nacional, recentemente creado. Chamavam-no alli, em verdade, os seus conhecimentos e estudos archeologicos, não menos que a sua actividade e provado zêlo; e em poucos mêses, despertado pelo enthusiasmo publico, teve o gosto de vêr augmentadas pelo menos num terço as collecções do museu, graças aos presentes particulares, que lhe eram offerecidos, e que elle dava a conhecer diariamente na *Gaceta* do governo. Chegada a revolução gloriosa de setembro, foi Amador de los Rios restituido á sua cadeira da Universidade central em 17 de novembro; porém supprimido o estudo da Historia critica da litteratura hespanhola do quadro das disciplinas professadas na faculdade de philosophia e letras d'aquella universidade, unica, onde tal estudo existia, foi o professor declarado supranumerario em 4 de dezembro. A faculdade composta, em sua maioria, de discipulos de Amador de los Rios, e a propria universidade reclamaram, a pouco trecho, do governo, a reinstallação d'aquella cadeira e a reconducção do lente. A reclamação só foi attendida dous annos depois com a elevação de D. Juan Valera o celebre author de *Pepita Ximenes,* a director geral da

instrucção publica. Aquelle inesperado contratempo teria, porventura, enchido de mortal desalento outro que não fosse Amador de los Rios. Este, porém, recordou sem duvida a sentença do poeta sevilhano Pedro de Quirós (cujas poesias viram a luz publica no já citado *Cisne*), que diz:

« Espierza, o Licio! el generoso aliento
Y el animo rendido a la fatiga:
Que nunca es la fortuna mas amiga
Que quando la ejercita algun tormento. »

Depois recolhendo-se ao estudo quiz provar com Rioja que:

« El varon esforzado y generoso
Al caso adverso inclinará la frente
Antes que la rodilla al poderoso! »

Naquelles dous annos de uma desconsideração pouco justificada, porquanto Amador de los Rios não póde dizer-se um homem politico, escreveu com effeito duas obras sobre a historia nacional, que não sei, presentemente, se já foram publicadas. Intitula-se a primeira *Historia social, politica e religiosa dos judeus de Hespanha e Portugal;* a segunda *Estado e educação das classes sociaes de Hespanha durante a idade média.* D'esta viram a luz publica alguns capitulos na *Revista de Hespanha;* d'aquella começou o autor a dar algumas leituras no Atheneu scientifico e litterario de Madrid. Os periodicos de todas as côres elogiaram aquellas leituras.

Como se deixa vêr do exposto, é D. José Amador de los Rios, se não o mais laborioso dos escriptores hespanhoes, ao menos um dos que mais tem trabalhado em nossos dias, em honra das letras e das artes nacionaes, sem esquecer a historia politica dos grandes vultos de Hespanha. Ás obras mencionadas podemos acrescentar um grande numero de artigos e estudos especiaes de critica litteraria, de archeologia monumental, de historia e ainda de administração, bem como uma copiosa collecção de *Cartas litterarias* sobre analogas materias. Quando estas obras forem colligidas formarão grande numero de volumes. Muitos são tambem os discursos por elle pronunciados em reuniões publicas e recepções de academias, nas da Historia e Nobres Artes de S. Fernando, assim como as *informações* e trabalhos litterarios do instituto de uma e outra corporação. A maior parte d'estes trabalhos já viram a luz publica nos mais autorisados periodicos hespanhoes, francezes e allemães, e alguns em revistas portuguezas, taes como a *Revista peninsular*. Durante todo este tempo tem continuado para Amador de los Rios as provas de consideração por parte dos escriptores, archeologos e criticos estrangeiros. Aos distinctos nomes, acima

citados, podemos acrescentar, entre os que tem solicitado a sua amizade, como criticos um B. Schack, um Landau, um Bussemmaker (allemães), um Ticknor (anglo-americano) ha pouco fallecido, e um Dominico Camparelli (italiano); como historiadores um Alaman (mexicano) e um Joseph da Costa (judeu hollandez); como archeologos um Hübner (allemão), um Longperier, um Lasteyrie e um Ch. Lineás (francezes), etc., etc. Para mais cabal conhecimento do caracter do notavel critico hespanhol, não deve esquecer que Amador de los Rios, animado pelo exemplo repetido de tantos homens illustres, nem sequer um momento vacillou em consultar os homens doutos das nações estranhas, como fez com o respeitavel snr. Alexandre Herculano ácerca dos antigos cancioneiros portuguezes; nem tão pouco recusou a sua amizade e correspondencia a autores menos conhecidos. Ha muita gente em Portugal que d'isto póde dar testemunho. Signal do apreço em que é tido no mundo litterario são os titulos com que numerosas corporações scientificas, litterarias e artisticas o tem distinguido. Entre outras citaremos o *Instituto africano,* a *Sociedade de antiquarios* da Normandia, a *Academia real das sciencias, letras e artes* de Lucca, e a *Academia de bellas-artes* de Lisboa. Pouco amigo de vãs ostentações, se tem acceitado, com estes titulos, muitos outros de corporações nacionaes, furtou-se sempre a qualquer distincção do Estado, com excepção do habito de S. João de Jerusalem, cuja cruz ornou um dia o peito de Lope de Vega e de D. Jorge João. Aquella cruz recorda a Amador de los Rios o exito brilhante que obteve a sua obra *Toledo Pintoresca.* Eis os traços mais salientes da honrada vida litteraria do grande critico, a quem o governo hespanhol afastava da universidade ao passo que a Allemanha o saudava com os titulos de *meistir der Geschichts chereibung, fursten der Geschichtsforscher,* mestre de escrever a historia e principe dos investigadores historicos.

J. Simões Dias.

TRISTEZAS

(DE NUÑEZ DE ARCE)

Cada vez que me lembro da piedade
Com que na tenra idade
Entrava em nossas velhas cathedraes,
Onde ajoelhado aos pés da cruz, tam crente
A Deus erguia a mente,
Sonhando nas venturas celestiaes;

Hoje que a minha frente em vão golpeio,
E com febril anceio
Busco os restos de minha fé perdida,
Por achal-a outra vez toda beldade,
Como n'aquella edade,
Desgraçado de mim! daria a vida.

Com que profundo amor, tenro innocente,
Eu prosternava a frente
Sobre as lágeas do templo sacrosancto!
Enchia-se-me então a phantasia
De luz, de poesia,
De mudo assombro, de terror e espanto.

As excelsas arcadas que ao empyrio
Alavam meu delirio;
Aquella magestade augusta e grave;
Aquelle austero canto, parecido
A um lugubre gemido,
Que retumbava na espaçosa nave;

As marmóreas e austeras esculpturas
De antigas sepulturas,
Aspiração da arte ao infinito;
A luz que pelos vidros multicôres
Seus tibios resplendores
Quebrava nos pilares de granito;

Os feixes d'onde em curva fugitiva,
Para formar a ogiva,
Cada ramal subindo se separa,
Bem como do rumor da turba orando,
Em nos ceus penetrando,
Surge cada oração distincta e clara;

Sobre o gothico altar immoto e fixo
O santo crucifixo,
Que estende os braços hirtos com piedade,
Sempre no surdo embate d'esta vida,
Tam aspera e renhida,
Abertos para a dôr, para a humildade;

Do sino a voz plangente e extramundana
Que sobre a alma humana
Das torres se despenha, e, santa e amena,
Leva comsigo nas aladas notas
Mil promessas ignotas
Ao triste coração que sonha ou pena;

Tudo alçava meu animo intranquillo
A mais sereno asylo:
Religião, soledade, arte, mysterio...
Tudo no templo secular fazia
Vibrar minha alma pia
Como vibram as cordas d'um psalterio.

E a esta intima voz, que só entende
O crente que se incende
Em santo e fervoroso amor divino,
Envôlta em fluctuantes vestiduras
Voava para as alturas,
Anjo ideal, minha prece de menino.

A sua cauda, luminoso traço,
Atravessava o espaço
Como fugaz scentelha, e ante o superno
Resplendor, de suas azas se rasgavam
Os veus que me occultavam
A visão beatifica do Eterno.

Oh ancia d'esta vida transitoria!
Oh perduravel gloria!
Oh sede inextinguivel do desejo!
Oh ceu que outr'ora sobre mim chovias
Fulgores e harmonias,
E hoje tão negro e desolado vejo!

Já não unges meus intimos pezares,
Já ao pé de teus altares
Como d'antes, não corro esmaecido.
Para chegar a ti perdi o tino,
E errante peregrino
Desespéro nas trevas e duvido.

Vou espantado sem saber por onde;
Grito e ninguem responde
Á minha anciada voz; levanto os olhos,
E a penetrar as sombras não alcanço;
Timidamente avanço,
E n'alma se me cravam mil abrolhos.

E já, filho do sec'lo, não resisto
Á sua impiedade, oh Christo!
Co'a grandeza satanica me opprime.
Seculo de prodigios e de assombros,
Levanta sobre escombros
Um Deus que geme, um Deus que não redime.

E esse Deus não és tu! Tua face amena,
Radiosa e serena,
Oh! que a não vê nossa alma do seu vaso!
É outro Deus incognito e sombrio:
Tem por ceu o vazio,
Por sacerdote o error, por lei o Acaso.

Ai! Não recorda o animo assombrado
Seculo mais ousado,
Mais rebelde á tua voz, mais destemido;
Entre nuvens de fogo exalça a frente,
Como Lusbel, potente;
Mas ai! tambem, como Lusbel, caído.

Á medida que marcha e que investiga
É mór sua fadiga,
Sua noite é mais funda, mais escura,
E pasma, ao vêr o que padece e sabe,
Como em seu seio cabe
Tanta grandeza e tanta desventura.

Bem como á nave sem timão e rota
Que o rouco mar açouta,
Queima o raio; e a tormenta que endurece,
Em pélago ignorado a embala e a dorme,
Nosso seculo enorme,
Com a luz que o abraza, resplandece.

E inda a mystica praia tão distante!...
Beija-o, saudoso amante,
Do sol poente um raio quasi morto.
O furacão redobra, o baixel arde,
E é tarde, ai! é mui tarde
Para chegar ao socegado porto.

Que é a sciencia sem fé? Corcel sem freio,
A todo o jugo alheio,
Que á vertigem feroz vario se entrega,
E através intrincadas espessuras,
Desbocado e ás escuras
Avança, avança, avança, e nunca chega.

Chegar! Aonde?... O pensamento humano
Embalde lucta, insano,
E sua lei mysteriosa infringe.
Do sol nos raios suas azas queima,
Não aclara o problema
Nem solve o enigma da fatal Esphinge.

Salva-nos, Christo, salva, se inda tanto
Póde o teu verbo sancto.
Salva esta sociedade desgraçada,
Que sob o peso de seu proprio egoismo
Roda ao profundo abysmo,
Acaso mais enferma que culpada.

A sciencia audaz, quando de ti se afasta,
Deixa em nossa alma gasta
O germen de crueis, intimas dôres,
Como ao soltar seu vôo para a altura,
Deixa sua larva impura
O insecto no calice das flôres.

Se nesta confusão profunda e infinda
Raudal de vida é ainda
Tua palavra santa, oh Deus, tem pena
Da nossa fé que morta has-de ter visto:
Diz-lhe que se erga, Christo!
Como o disseste ao irmão da Magdalena.

Miranda do Douro, 1874. MANOEL SARDENHA.

UMA PAGINA ANTIGA

A critica moderna tem aberto á historia novos horisontes, que os energicos e eloquentes narradores da antiguidade apenas entreviam. Porém o que será eternamente interessante na leitura das obras d'elles, d'um Tacito ou d'um Sallustio por exemplo, é a vida com que se animam e palpitam sob as suas pennas inspiradas as grandes scenas dos campos de batalha ou da vida publica e do forum.

De uma traducção de Sallustio, outr'ora encetada com amor, e depois abandonada, offerecemos hoje aos leitores d'este periodico uma pagina a que se não póde negar o interesse que inspiram quadros cheios de animação e de movimento.

É a descripção do combate de Pistoia, que foi desfecho da sedição famosa que inspirou as catilinarias.

« Depois de ter orado, descançou um instante; logo as trombetas soaram e o exercito partiu em boa ordem a occupar uma posição conveniente. Ahi Catilina apeou-se, e mandou que sem excepção fizessem o mesmo os cavalleiros, para que se augmentasse a confiança na soldadesca, vendo o perigo igualado entre todos os combatentes. Então formou as tropas, attendendo á qualidade d'ellas e á do terreno. Porque, como occupassem uma planicie defendida á esquerda por montes, e á direita por inaccessiveis despenhadeiros, desdobrou em linha oito das cohortes, deixando as restantes á retaguarda, em filas cerradas, destinando-as para reserva. Procurou e chamou para a primeira linha os centuriões, e ainda, d'entre os simples soldados, os que estavam perfeitamente armados. Deu o commando da ala direita a Manlio, o da esquerda a um individuo fesulano, e elle postou-se com seus libertos e colonos junto da Aguia, a qual se dizia ser a mesma que acompanhára n'outro tempo Mario, quando foi á guerra cimbrica. Do lado contrario, Antonio, não podendo tomar o commando por causa d'uma enfermidade nos pés, entregou-o ao logar-tenente Petreu. Petreu colloca na frente as cohortes veteranas, que pela urgencia das circumstancias se tinham chamado ás armas, ficando as demais á retaguarda para constituirem reserva; e percorrendo o exercito a cavallo, dirige-se pelos seus nomes aos soldados, exhorta-os, pede-lhes que se não esqueçam de que pelejam pela patria, pelos filhos, pelos seus deuses e lares, contra bandidos inermes.

« Este homem, excellente militar, que por mais de trinta annos servira na milicia com grande distincção, nas qualidades de tribuno, prefeito, logar-tenente e pretor, conhecia pessoalmente muitos dos soldados, sabia os feitos distinctos que tinham praticado, e relembrando-lhes estas cousas inflammava-os em enthusiasmo.

« Preparado tudo, manda o general que as trombetas dêem o signal para o ataque; as cohortes avançam movendo-se lentamente; e o mesmo fazem os inimigos. Quando chegaram á distancia de se poderem trocar os primeiros tiros, investem-se furiosamente e com grandes clamores: desprezam logo as armas d'arremêsso; é com a espada que querem decidir da acção. Os veteranos, lembrados das antigas glorias, atacam peito a peito, sem dar treguas, porém elles resistem sem se intimidar; trava-se lucta renhida. Em quanto se feria o combate, Catilina, á frente dos seus, com uma parte das tropas ligeiras, corria em soccorro dos que desfalleciam, chamava para o lugar dos feridos outros ainda incolumes, velava por tudo, mostrava pessoalmente grande esforço, e fazia muito damno aos contrarios; desempenhava ao mesmo tempo os deveres de soldado intrepido e de bom general.

« Petreu, contra as suas esperanças, observa que Catilina se manti-

nha com firmeza, resolve-se então a lançar sobre o centro dos inimigos a cohorte pretoria. Não podem elles resistir ao choque impetuoso; desordenam-se; os que ainda resistem são derrubados. Petreu, em seguida, envolve tudo pelos flancos. Manlio e o fesulano caem logo dos primeiros.

« Catilina vê as suas tropas rôtas, e quão pouca era a gente que ainda o seguia, e lembrando-se de como nascêra, e de quem fôra, precipita-se no mais denso da turba inimiga e succumbe por fim, defendendo-se até á ultima.

« Só depois de findo o combate se pôde avaliar bem quanta resolução houvera nos sediciosos, porque todo o que durante a vida tinha occupado uma posição, ainda depois de morto a cobria com o corpo; apenas um pequeno numero de homens, dos do centro, que o choque da cohorte pretoria desalojára, pareciam mais dispersos, mas todos haviam caído feridos pela frente. Catilina foi encontrado muito longe dos companheiros, entre cadaveres inimigos: respirava ainda, e tinha na expressão do semblante estampado o caracter indomito de que dera tantas provas.

« De mais, entre tanta gente, nem durante a peleja, nem mais tarde como fugitivo, um só individuo de condição livre cahiu prisioneiro. Todos tinham poupado tão pouco a propria vida como a dos adversarios.

« A victoria do exercito do povo romano tambem não deixou de custar lagrimas e desgostos, por quanto os mais valentes militares ou ficaram no campo da batalha, ou saíram de lá mal-feridos.

« Muitos individuos que foram visitar o campo, ou colher os despojos dos mortos, tocando nos cadaveres dos contrarios, achavam pessoas de quem tinham recebido hospitalidade, amigos, parentes; a outros depararam-se-lhes tambem inimigos pessoaes. De modo que por todo o campo havia alternativamente demonstrações de jubilo e dôr, de luto e satisfação. »

D. Ennes.

ALTÍVOLA [1]

Que profunda attracção indecifravel
Ha nesse olhar, que me enlouquece e mata?
E nessa voz, tam pura que arrebata,
Quem lhe pôz a magia incontrastavel?

Chamas-me: — vou. No curso variavel
Que ora por ceus longinquos se dilata,
Ora, cançado, roça a terra ingrata,
Busco-te sempre! e tu, ah! nunca estavel!

E quando, exhausto de seguir teu rumo,
Mais fugidío do que o alto fumo,
Meu sêr vacilla, e se conturba, e cae,

De novo acenas-me, exclamando: Acima!
E á dôce voz todo o meu sêr se anima,
E no teu sulco deslisando vae!...

Porto. M. Duarte d'Almeida.

A GALLINHA DA VIZINHA

III

A fugida de Miguel foi, como era de esperar, um golpe dado em cheio no coração de seus paes. Onofre, que tinha fibra de rija tempera, recebeu-o com apparencias de serenidade; Custodia, se não

[1] Veja os sonetos publicados na *Folha* (4.ª e 5.ª serie) com os titulos *Ignotò Deò* e *Cerulea*.

mais sensivel, menos robusta, caiu de cama para nunca mais se levantar.

D'ahi a poucos mezes dava a alma ao Creador. Á hora da morte chamou juncto de si o marido e a filha, e pediu-lhes pela sua salvação que perdoassem a Miguel o ter assim abreviado os dias de felicidade, que tinham gozado no mundo. Certificada de que não existia a menor sombra de resentimento n'aquelles dous corações contra seu filho, Custodia reclinou a cabeça sobre o travesseiro, e expirou com a tranquillidade dos justos. Quando os que a rodeavam, a julgavam apenas adormecida, já ella havia penetrado os umbraes da vida eterna.

Onofre, vendo partir sua companheira para a viagem de que não se volta mais, teve um presentimento de que não tardaria em seguil-a.

— Vae, minha pobre Custodia — dizia elle, apertando entre as suas as mãos geladas do cadaver — vae, que não me demorarei em procurar-te. Deixa-me encontrar um arrimo para nossa filha... que nada mais me detem n'este mundo.

A viuvez abalou profundamente aquella existencia, minada já por tantos desgostos. As forças do pobre velho começaram a declinar progressivamente. Debalde o padre Antonio e Marianna tentavam occultar-lhe a verdade; Onofre não se illudia.

— Padre Antonio — repetia elle todas as vezes em que falavam a sós — tenho medo d'isto. Poz-se-me na idéa de que morro sem vêr minha filha casada; e não póde imaginar quanto isto me tortura. Se eu morrer... vele, proteja minha filha, que é a unica cousa que levo d'este mundo atravessada na garganta.

— Esteja descançado. Deus tudo faz por melhor. Ainda o vejo em boas disposições para viver muitos annos...

— Não temos a vida na mão! Eu queria viver... queria... mas d'um momento para o outro cae a casa.

Por este meio tempo começou a frequentar o casal da Remôlha um rapazote, que andava nas boas graças de toda a gente da aldêa. Chamava-se Martinho. Era em seus principios um pobre trabalhador de enxada, mas o amor ao trabalho e a singeleza de seus costumes tornaram-n'o geralmente bemquisto, e proporcionaram-lhe um bem-estar superior ao dos que viviam nas mesmas condições. Onofre apreciava tanto as suas qualidades, que um dia com as lagrimas nos olhos pediu a Marianna que consentisse em desposal-o. Marianna accedeu sem difficuldade, já para satisfazer os desejos paternos, já talvez porque o seu coração se antecipasse á manifestação d'esses desejos. Martinho, quando tal soube, não cabia em si de contente. O que muitas vezes lhe fazia crêr que tudo era um sonho, era a maneira por que via realisar-se uma esperança, que elle mal ousára embalar no intimo da sua alma.

Desde que os interessados deram o seu consentimento, começou Onofre n'uma serrazina a apressar o noivado. Uma unica condição

impunha pela sua parte: era que as bodas se fizessem n'outra casa, que não fôsse aquella, em que tinha fallecido sua mulher. Qualquer expansão de alegria, que alli se manifestasse, reputava-a como uma profanação á memoria da sancta, que Deus lhe levára.

Ora por aquella occasião tratava-se de construir um cemiterio na aldêa. Alguem lembrou o casal da Remôlha, como sitio mais apropriado para o effeito. O padre Antonio, com medo de dilacerar o coração do seu velho amigo, oppunha tenaz resistencia á expropriação; e já se pensava em mudar de intento, quando a noticia chegou aos ouvidos de Onofre.

Com grave admiração do padre, tornou-se elle o primeiro a insistir em que fosse por deante o projecto, quasi posto de parte.

— Admira-se da minha falta de apêgo a esta casa? — perguntou elle ao padre Antonio. — Não tem que admirar. Esta casa foi o tumulo de minha felicidade. Sei que é fraqueza de entendimento acreditar em agouros, mas não está mais na minha mão... receio que seja tambem o da felicidade de minha filha. E quer que lhe confesse o meu peccado? Sou muito egoista. Não posso conformar-me com a idêa de que haja quem ria e folgue entre as mesmas paredes em que eu tanto soffri e chorei. Se eu já tencionava desfazer-me d'ella em favor d'um estranho, que havia de fazer, sabe Deus o que! — não é melhor que a venda para um fim, que ha-de tornal-a tão triste e sagrada para os outros, como o é para mim? Se é meu amigo, desista dos obstaculos que tem posto até agora.

— Se me oppuz — replicou o padre — tinha apenas em mira não molestal-o. Visto que não leva a mal...

— Qual levo! Até agradeço. Comprem-m'a quanto antes, que o seu producto póde servir para obter outra para a minha Marianna.

Cumpriu-se a vontade de Onofre. O casal da Remôlha foi escolhido para o cemiterio.

Poucos dias depois de celebrado o trespasse da Remôlha, festejava-se o casamento de Marianna. Onofre, ao vêr o sacerdote chamar sobre a cabeça de sua filha a benção do Senhor, exclamou com intimo regosijo:

— Agora, quando Deus fôr servido...

A morte, porém, parecia ter-se esquecido d'aquelle velho, que não a chamava, mas tambem não a temia. Pôde ainda vêr brincar sobre seus joelhos um neto, que elle estragava com mimos, e por causa do qual se quebrára por frequentes vezes a concordia que existia entre aquella santa familia. Tempestades passageiras ainda assim, como as lagrimas da creancinha, que as desencadeava com seus voluveis caprichos.

Uma vez chegou o padre Antonio mais cedo do que o costume. Com tanta pressa caminhára, que se sentou na cadeira que lhe offereciam sem poder proferir palavra.

— Que tem, snr. padre Antonio? — perguntaram-lhe á uma os da casa.

— O Miguel... o Miguel... — articulava o padre arfando de cansaço.

— Morreu? Morreu o meu filho? — interrompeu Onofre. — Ó meu Deus! Estarei eu condemnado a sobreviver a todos os que me são caros?

— Chegou? — acudiu Marianna, mais confiada na Providencia divina.

— Casou rico por lá...! — ponderou por seu turno Martinho.

— Nada d'isso... escreveu... escreveu-me! — disse por fim o padre. — Escreveu-me porque não se atreve a dirigir-se-lhes.

— Ingrato! — exclamou Onofre.

— Lastime-o antes! — atalhou o padre.

— Leiam-me a sua carta... quero dizer, lê tu, Marianna. Nem me lembrava que o snr. vigario não póde...

— Deixe lá sua filha: eu já descancei.

E tirando um longo papel do bolso, principiou:

— «E tal, tantos de tal... Meu, *et cætera*... Quando vir o meu nome no fim d'esta, imagine v. s.ª que me tem de joelhos a seus pés, contrito e arrependido como no instante em que no confessionario me lançava a sua absolvição. Não seja v. s.ª menos generoso do que então, apesar de que nunca levei á sua presença tamanhos peccados.

— Pobre rapaz! — interrompeu o padre.

Nem Onofre, nem Marianna responderam: os soluços embargavam-lhes a voz. O vigario continuou:

— «Devia ter-me dirigido á minha familia. Não sei porque lhe não escrevi a principio, agora temo que seja tarde... Se v. s.ª entender que lhe deve dar noticias minhas, diga-lhes que imploro o seu perdão, ainda que me repute indigno d'elle. Quando não tiver só desgraças a contar-lhes, então lhes escreverei. Que lhes poupe mais este golpe, eu que com tantos lhes tenho amargurado a existencia!

— Se tem!... O que lá vae, lá vae. Padre Antonio, se elle é desgraçado, diga-lhe que venha quanto antes. Se eu podesse escrever...

— Escreverei eu, meu pae — atalhou Marianna.

— Sim, sim... Vamos a ouvir o resto. Continúe, snr. padre Antonio.

Este proseguiu:

— « Antes de tudo devo começar pela historia da minha jornada. D'ahi vem tambem o principio das minhas desillusões. Parti com mais alguns cincoenta companheiros até ao Porto, onde nos junctámos ainda mais para embarcarmos no navio que nos havia de transportar. Desde que deixamos de avistar a costa portugueza, principiaram a ter comnosco um tratamento cruel, mas que não era ainda senão o panno da amostra do que nos esperava. Tratavam-nos com despre-

zo; ás horas de comida a nossa ração era talhada de sorte que fosse sufficiente para nos entreter a vida; e se algum de nós se queixava era prêso no porão e castigado. Tal era o terror que se tinha apossado de nós, que nos deixavamos levar como um rebanho de ovelhas. A falta d'uma alimentação sadia e abundante, a agglomeração de corpos n'um pequeno recinto infecto, alteraram a saude de quasi todos nós, e ao termo da jornada pareciamos o espectro dos que a tinham começado. Chegados ao Brazil mais claramente se nos patenteou o lôgro em que haviamos caído. Ninguem tratava já de encobrir a nossa triste condição. Eramos victimas d'um pacto infame que haviamos sellado com o sacrificio da nossa liberdade. Olhavam-nos como escravos, e parece-nos que nem isso eramos. Com o escravo ha ainda certas contemplações, porque o escravo é um capital de que o senhor usa, mas não abusa com mêdo de o perder. O *engajado* é uma machina de aluguer; terminado o prazo do arrendamento, tanto se dá ao arrendatario que ella cesse de funccionar, como não. O proprietario não pede indemnisações...

— Neste mundo, mas no outro... — ponderou o padre, interrompendo-se.

— Continúe, continúe, snr. vigario — acrescentou Onofre. — Não vê como estou ancioso?

— « Logo a bórdo, apresentou-se um homem encarregado de nos encaminhar ao nosso destino. Levaram-nos arrebanhados e subjeitos completamente á vontade do nosso guia. A roça para onde iamos trabalhar distava umas duzentas e tantas leguas do ponto do nosso desembarque. Atravessámos villas, aldêas e leguas de florestas cerradas, sempre sem descançar mais que algumas horas, as absolutamente necessarias para não morrer de fadiga. Quando chegamos á roça, a maior parte dos nossos companheiros parecia ter saído d'um hospital. O excessivo calor, o cansaço da jornada e uma alimentação pouco regular e a que não estavamos habituados, havia-nos emmagrecido extremamente, se é que nos não havia já contaminado com o germen de todas as enfermidades, que ao deante mais ou menos viemos a padecer. Ainda que a nossa situação não fôsse muito para alegrias, com tudo não podémos deixar de nos congratular, quando nos vimos ao cabo de tam forçada marcha. Imaginavamos que, chegados á roça, teriamos alguns dias de descanço, sombra que nos abrigasse, e sustento que restaurasse as nossas forças. Como estavamos enganados!

« Apenas chegados, desceu a examinar-nos o fazendeiro, mas com tal sobranceria como se fôssemos animaes de carga, que lhe tivessem chegado da feira.

— Diabos! Como está degenerada esta raça dos gallegos de Portugal! — disse elle ao feitor, que o acompanhava.

— Cães vadios não engordam — replicou o outro. — D'aqui a pouco nem a pelle se lhes aproveita.

« Engulimos o insulto, corando de vergonha: conheciamos que estavamos nas mãos d'aquelles homens, que á custa de ultrajes querem fazer esquecer aos outros que, se algum sangue limpo lhes corre nas veias, é o que os seus maiores lhes levaram da nossa terra.

« Depois de seis horas de descanço, o feitor, brandindo o chicote, veiu chamar-nos para o trabalho.

— « Saltar, corja de marinheiros, pés de chumbo, basta de mandriice!

« O cafezal, em cuja cultura nos iamos empregar, estendia-se por uns môrros, onde o sol bate de chapa durante o dia inteiro. Para qualquer lado que nos voltassemos, era como se estivessemos sobre brasas, o proprio ar que se respirava parecia queimar-nos as entranhas. No fim de quinze dias tinhamos todos sido visitados pelas febres; no fim d'alguns mezes já um grande numero de meus companheiros não existia. Eu, graças não sei se á minha robustez, se á minha bôa ou má estrella, fui dos poucos que resisti á morte, e fui remindo a minha liberdade á custa de crueis sacrificios.»

— E é para isto que se cria um filho! — murmurou Onofre, com os olhos arrasados de lagrimas.

— Tenha coragem, senhor pae — ponderou Martinho.

— Isso é bom de dizer!

— Está bem, está bem. Se querem que continue, não estejam sempre a interromper-me. Diz elle:

« Tudo soffri resignado em desconto dos meus peccados, só as chicotadas do feitor é que nunca lh'as pude perdoar. Ainda agora, ao lembrar-me de tal, sinto varrer-se-me a vista e não sei quê cá por dentro me faz subir o sangue á cabeça. Lembrar-me eu que esse carrasco se comprazia em azorragar de preferencia os costados brancos, por patriotismo!

« Chegou emfim o dia em que bem contra sua vontade deram os meus patrões por saldas as nossas contas. Creio que foi principalmente ao meu estado de incapacidade para trabalhar que devo a extincção da minha divida. Na minha boa fé, assignei um contracto que não li, cujo conteúdo nunca cheguei bem a conhecer; e estive por tanto sempre á mercê do proprietario da roça, que se me apresentava como credor de quantias que o meu trabalho jámais poderia saldar.

« No dia em que me despediram julguei que endoudecia de contentamento. Quando saí da roça, é que me lembrei que não tinha recursos de qualidade alguma, nem saúde para os procurar. Desde então começou para mim uma vida de privações e de agonias, uma vida... milagrosa, não sei que outra cousa lhe possa chamar. Se me obrigassem a dizer como é que pude atravessar tantas leguas de sertão para chegar aonde estou, não atino como me desempenharia do encargo. Sustentei-me á mercê de Deus: não sei dar outra explica-

ção. Parece-me que a esperança de voltar ao meu paiz, me fazia esquecer tudo, menos de me aproximar do littoral.

« Aqui estou agora no igarapé Xiriúba, onde me receberam a trôco do fraco serviço que posso prestar no amanho da casa. Logo que tenha junctado algum recurso, seguirei para o Pará, d'onde espero voltar a Portugal. A lição foi muito cara; ha-de aproveitar mais do que as que v. s.ª me dava.

« Aproveitei a primeira occasião d'algum descanço para lhe dar noticias minhas. Lembro-me tanto de todos que ahi deixei! Quem sabe se os encontrarei na volta? Snr. padre Antonio, interceda por mim, e responda-me, se, apesar de indigno, posso ainda contar com o amor de meus paes, e minha irmã. »

— Cumprimentos do estylo — disse o padre, fechando a carta.

— Obrigado, meu amigo — volveu Onofre — obrigado pela pressa que se deu em me dar noticias de meu filho.

— Ora, não falemos n'isso! — retrucou o padre — do que devemos tratar é de lhe abreviarmos a ausencia.

— Como elle por lá viverá! Quando me sentar á mêsa, hei-de sempre lembrar-me, se o Miguel quererá matar a fome e não encontra um bocado de pão — accrescentou Marianna.

— Deus o protegerá, se ouvir as tuas orações, minha filha — respondeu o padre.

— É verdade. Ámanhã tenho de ir á cidade. Conheço lá um subjeito, que tem uns primos no Brazil. Hei-de perguntar-lhe como se póde mandar ao Miguel um pouco de dinheiro, e dizer-lhe que marche quanto antes — acudiu Martinho.

— Parece-me bem pensado — ponderou o vigario. — Vossê então trata d'isso ámanhã?

— É a primeira cousa que hei-de fazer.

Segundo as informações dadas por Martinho, escreveu o padre Antonio a Miguel, enviando-lhe o dinheiro que a familia lhe remettia.

Passaram-se mêses e mêses, e não voltou resposta.

Onofre entristecia a olhos vistos. Todas as vezes, que via o vigario, interrogava-lhe a physionomia a vêr se descobria indicios de novas. O padre respondia a este mudo interrogatorio, baixando os olhos.

Todos eram conformes em pensar que Miguel teria morrido. Ninguem, porém, se atrevia a confessal-o : e para não difficultar a situação, que cada um conservava em frente dos outros, afastava-se da lembrança tudo que podésse evocar a memoria de Miguel.

Os ausentes muitas vezes são mais infelizes que os mortos. A estes ergue a saudade um templo no coração dos que os amaram, mas a incerteza nem ao menos póde tributar aos ausentes o culto das lagrimas.

Um dia tardou Onofre ás horas do almoço. Marianna subiu ao

*

quarto d'elle e encontrou-o estendido no chão, ao lado do leito, que se conservára intacto.

O pobre velho fôra em fim reunir-se á sua companheira no mundo desconhecido, que se entreabre além da campa.

IV

— Que andarão fazendo a estas horas lá por fóra aquellas duas alminhas do Senhor?

— E v. m.ce com cuidados! Olhe que as más novas tardam menos em chegar do que as bôas. Se adregasse haver-lhes succedido alguma, já cá se saberia.

— Isso é bom de dizer! Os perigos levantam-se-nos debaixo dos pés, quando a gente mal se precata... Valha-me Deus! parece que senti...

— Que diz v. m.ce?

— Não sentiste nada? Pareceu-me ouvir um grito!...

— Ha-de ser o vento.

Isto passava-se n'uma frigidissima noite de dezembro. Duas mulheres, sentadas á lareira, onde crepitavam meia duzia de âchas esbraseadas, conversavam por esta fórma, em quanto espiavam as ultimas feveras d'uma rocada de linho, signal evidente de que o serão já durava de ha muito.

A mais nova, levantando-se do banco que rodeava a lareira, ora espertava o lume, ora mexia com uma colher de pau a bojuda panella, d'onde se escapavam umas tenues nuvens azuladas, prenhes de tam convidativo aroma, que seria capaz de quebrar o jejum d'um anachoreta.

O mister a que se entregava frequentemente, quando não bastasse o vestuario mais grosseiro e a deferencia com que falava á outra mulher, seria o sufficiente para logo á primeira vista distinguir entre ama e criada. A ama era portanto a mais edosa, ainda que parecia não ter chegado aos quarenta. O seu trajo denunciava uma abastada lavradeira da aldêa.

Depois de alguns momentos de silencio, a ama, que trahia viva inquietação, disse:

— E agora... sentiste?

A creada, interrompendo uma profunda mesura ao deus do somno, que a visitava, replicou apressadamente para que não fôsse colhida em flagrante:

— Senti, sim, senhora.

— Bem me queria parecer! Oh! meu Deus, compadecei-vos de mim!

— Quer a snr.a que chame os creados?

— Cala-te. Vamos a vêr se se torna a ouvir alguma cousa.

As duas mulheres pozeram-se á escuta. Em boa verdade nada mais se ouvia que o silvar do vento e o monotono som da chuva, caíndo dos beiraes.

— Não é esta a primeira vez que o patrão se demora, quando vae á cidade...

— É certo — replicou a ama — mas que queres dizer na tua? Tantas vezes vae o cantaro á fonte, até que lá fica, diz o dictado. Isso é até tentar a Deus! Por mais que tenha repetido áquella creatura, que tome tento, faz ouvidos de mercador. Os homens são todos assim... Ao atar das feridas, então é que vem os arrependimentos.

— Elle fia-se em que ninguem lhe quer mal.

— A gente vê caras e não vê corações. Que queres tu? Não se me tira da imaginação aquelle homem...

— Que homem?

— Um que hoje tem andado por ahi. O Senhor me não castigue, mas mette medo só olhar para elle!

— Algum pobresinho?

— Eu sei lá. Caras assim fazem arrefecer a caridade. Que olhos que elle deita á gente! Deus queira que o Martinho o não encontre. Tenho cá um presentimento...

— Diz que é mau murmurar da pobreza, mas ha cada pobre!...

— Escuta, escuta. Ouves? Não me enganei... sinto passos.

Quasi ao mesmo tempo retiniu uma argolada ao portão, e, como para tranquillizar os que estavam da parte de dentro, ouviu-se uma voz:

— Abre, Constancia.

A creada acudiu alvoroçada:

— Ahi vem o patrão.

E pegando da candeia, pendurada da prateleira, que guarnecia a parte superior da bocca da chaminé, tapou a luz para a livrar d'algum pé de vento e foi abrir a porta.

A ama sentiu nascer-lhe uma alma nova.

Aberta a porta, entrou por ella um homem alto e robusto, de maneiras desembaraçadas, chapeu de ferro e embrulhado numa palhoça, que escorria agua em bica.

— Não feches — disse elle á creada, que se conchegava atrás d'um dos batentes para lhe dar passagem.

Depois, dirigindo-se a sua mulher, accrescentou:

— A paz do Senhor seja nesta casa.

— Então o Pedro não veiu? — perguntou ella com inquietação.

— Não tarda ahi dous credos! Foi á cavallariça recolher os animaes.

— Gabo-te a pachorra de mandares o pequeno por uma noite d'estas lá abaixo!

— Descança, que o não levam as bruxas — respondeu Martinho, desenvencilhando-se da palhoça e pendurando-a d'um prégo cravado na parede, depois do que, foi tranquillamente sentar-se á lareira.

— Ora que sempre has-de estar com essas graças! Para que te servem os creados? O rapaz, coitado, que ha-de vir todo molhado e inteiriçado de frio, é que ha-de fazer tudo!...

— Se pensasses no que estás a dizer, verias que não tens nem um migalhinho de razão. Ora diz-me: quem precisará mais de descanço? O Pedro, que andou a vadiar pela cidade commigo, ou os creados, que trabalharam como mouros durante todo o dia?

— Mas é para fazer o serviço que se lhes paga...

— É verdade; mas não são escravos... são de carne e osso como nós. E demais eu não quero o rapaz para fidalgo! Que trabalhe, que eu tambem faço outro tanto, porque meu pae me habituou desde creança a saber como custa a vida. Nunca as mãos lhe dôam por isso...

— Sempre tens um coração mais despegado!

— Agradecido ao teu favor...

— Pois não é assim? Os creados a dormir á regalada e o filho então ao frio e á chuva, arriscado a apanhar alguma doença, como se precisasse de ganhar o pão, que come!

— Anda lá, Marianna, que se eu não tivesse os olhos abertos, eras capaz de perder o rapaz com os teus mimos! Já te disse que não quero o filho para fidalgo. Se elle, graças a Deus, vive remediado, é porque trabalhei desde que me entendi; se quizer continuar a viver sem sella na barriga não ha-de tambem costumar-se a passar vida regalada. Vê lá o proveito que teu pae tirou de criar teu irmão como se fosse um principe? Nada, nada! De pequenino se torce o vime. Deixa-me cá o rapaz por minha conta, que não será por mim que lhe ha-de vir o mal.

— E nem ao menos lhe mandaste alumiar?

— Socega. Tudo se faz pelo melhor. Não me imagines algum Herodes contra os innocentes. Tivemos no caminho quem nos emprestasse duas palhoças e uma lanterna. É verdade, não te has-de esquecer de mandar tudo ámanhã ao Gregorio dos Moliços. Pois sim, senhora! A noite está de se lhe tirar o chapeu, mas em troca o dia correu-me ás mil maravilhas. Fiz um negociarrão! Nunca me calhou tudo em maré do carvoeiro como hoje.

— Bem me importa agora com os teus negocios! Estou com uma tal inquietação por causa do Pedro...

— E eu tambem. Quem sabe se algum frade o levou na manga?

— Tomára eu que nunca estivesses com essas tuas graças!

Neste momento a creada, que tinha ficado á porta com a mão sobre a chave, sentiu um tal empuxão, que se não toma tento malhava com as costas no sobrado. Pedro entrou sem chapeu nem carapuça, todo esbaforido, que nem folego tinha para dizer agua vae. Caiu

derrancado sobre a primeira cadeira que encontrou, amarello como a cidra e com os cabellos erriçados, que parecia ter visto lobo.

— Valha-me Maria Santissima! Em que estado vem o pequeno!

E Marianna, toda afflicta, correu a animar o filho, em quanto Constancia ia buscar um pucaro de agua para borrifar a cara do pequeno por causa do susto.

— Bebe um golinho d'agua, meu filho, que te ha-de fazer bem — dizia Marianna.

— Se fôsse um homem — murmurou Martinho — dir-te-ia que antes lhe désses um copo de vinho. Como é um maricas, vossês entendem melhor d'essas cousas.

Marianna nem tempo teve de se zangar com o novo gracejo do marido: estava entregue de alma e coração ao filho, cuja lingua, só passados alguns instantes, é que principiou a desentaramelar-se.

— Então que tens? Como foi isso? — perguntou-lhe a mãe.

— Sempre me aconteceu uma!... Voltava da cavallariça, depois de arrumar os animaes, quando ao sair do pateo para a azinhaga, dei com os pés numa cousa...

— Algum lobishomem que se espojava na lama — disse, rindo, o pae.

— Não, senhor. Era um defuncto. Fez-me tal medo que larguei a fugir...

— Ora vejam o pobre rapaz! — exclamou compadecida a mãe.

— Admirem o grandissimo asno! — parodiou o pae. — Então, ó meu pateta, o defuncto corria atrás de ti?

— Não atarantes o rapaz. Nem todos podem ser destemidos como tu!

— Deixa lá. É preciso que elle se envergonhe de dizer tolices, que ficam mal a um homem, que d'aqui a dous dias já póde pôr navalha na cara... Os defunctos não fazem mal a ninguem. Anda d'ahi que te quero tirar os medos por uma vez. Onde deixaste a lanterna?

— Aonde queres ir? — perguntou Marianna.

— Aonde não é da tua conta. Quero ensinar ao Pedro o que faria um homem no caso d'elle. Não ouviste? Onde deixaste a lanterna?

— Não sei... talvez me caisse da mão...

— Sempre estás um bom homem de armas! Ó Constancia, accende lá o lampeão.

— Eu é que te não deixo ir.

— Mette-te com a roca e o fuso, e deixa-me cá com a minha vida! Não me obrigues a dizer que sim, e mais que tambem. Quero que o Pedro aprenda a cumprir com as obras de misericordia. Vossês contentam-se com rezal-as, e imaginam que com isso tem feito tudo. Eu cá vou por outro rumo. Não tinha mais que vêr! Encontra-se um homem estirado no meio do chão, e faz-se tanto caso d'elle como d'um cão! Isto é cousa que se diga? E se o homem não está morto? Se

está apenas ferido, não se ha-de tractar de o curar? E se está apenas regelado de frio ou enfraquecido de fome? Ha-de-se deixar ao desamparo? Morto que esteja, é bonito deixar exposta uma *alma* christã a ser devorada pelos animaes? Nada, não anda! Eu cá não aprendi a religião por essa cartilha!

— Aqui está o lampeão — disse a creada, pondo sobre a mêsa o lampeão que acabava de accender.

— Vâmos. Pega na luz e caminha adeante, para me ensinares o sitio em que viste o defuncto.

Pedro obedeceu sem replicar. Martinho seguiu-o, e, voltando-se, disse do limiar da porta:

— Até já.

As pobres mulheres, ficando sós, tremiam como varas verdes. Almas do outro mundo, lobishomens, bruxas e feiticeiras, confundiam-se aos trambulhões na sua imaginação, e tudo isso parecia conjurado para as atormentar. De quando em quando, o espirito mais lucido de Marianna descia das regiões da phantasmagoria, para se abysmar nos pesadêlos dos salteadores, ladrões e assassinos, todos com o olhar sinistro do forasteiro, que tanto a havia impressionado.

Momentos depois entrava Pedro, alumiando a seu pai, que carregava com um corpo humano, que não dava signal de si.

— Valham-me as chagas de Christo! — exclamava Marianna. — Onde queres guardar agora esse defuncto?

— Não digas asneiras. Este homem não está morto; o coração bate-lhe ainda. Põe defronte do lume a cadeira de braços, que foi de teu pae, para encostarmos nella este pobre homem. Eu te direi depois se não volta a si...

Deposto o moribundo sobre a cadeira, rodearam-n'o todos. Marianna, apenas deu com os olhos nelle, sentiu um calefrio correr-lhe todo o corpo, e não se pôde conter sem que dissesse:

— Parece que o coração m'o adivinhava! Cá está elle, escripto e escarrado, o tal pobre d'esta manhã... Uma cousa assim!

— Bem, bem! Deixemo-nos de palavreado. Vae buscar uma garrafa de aguardente de prova, que é sangue de velhos.

Trazida a garrafa, Martinho deitou algumas gottas do liquido, que ella continha, numa tigella de barro. Chegou-a aos beiços do mendigo, e humedeceu-lh'os.

Apenas o calor da aguardente lhe chegou ao estomago, dir-se-ia que uma descarga electrica animava aquelle corpo entorpecido. Lançou com sofreguidão as mãos á tigella e bebeu d'um trago o resto do liquido, que sobejára da primeira prova.

— Olá, patrãosinho, vossê não é dos que fazia mal á cepa da vinha do Senhor! Logo pela galera se vê quem vae nella... que tal, hein? Um dardo me atravesse de meio a meio, se não tem as guelas forradas de estanho!

O desconhecido, porém, não respondeu, e parecia até alheio ao que lhe diziam. Correu com um olhar espantadiço cada uma das pessoas que o rodeavam, e quando chegou a vez a Marianna, mais estranho se tornou esse olhar, que se illuminou com um brilho subito.

Foi tudo obra de instantes. A cabeça tornou a descaír-lhe sobre o peito, seus olhos cerraram-se, e um movimento convulsivo tremeu em todo o seu corpo. Fez um esforço para falar, mas apenas soltou um som inarticulado e caíu de novo sem accordo.

— Co'os demonios ! Querem vêr que fiz asneira? O homem, coitado! — e Deus me perdôe, se lhe levanto algum falso testemunho — estava em jejum natural. Despejou a tigella d'aguardente, que não é para brincadeiras, deu-lhe na *fraqueira* e apanhou uma touca aceada. A meu vêr a doença não é de perigo. O melhor é mettel-o na cama, e deixar-lhe ao pé comes e bebes para se entreter quando acordar. Vamos a isto, que é tarde; e eu estou com fome de palmo e meio. Ajudem-me a leval-o lá para o quarto de cima.

No outro dia Martinho, como não tivesse sentido rumor no quarto do hospede, subiu pé ante pé a vêr se elle dormia. Empurrou a porta de mansinho, para não causar bulha, e foi grande o seu espanto quando o viu já levantado e olhando através da vidraça para as montanhas que se erguiam no horisonte.

— Olá, já de pé? — disse Martinho adeantando-se. — Tinha minhas fumaças de madrugador, agora vejo que ha quem me leve as lampas. Vamos a saber : como passou a noite?

— Bem ! Levei-a d'um somno. Ha já tanto tempo que não sabia o que era dormir numa cama como aquella...

— Então quem o apressava a levantar-se?

— O habito. Costumei-me a vêr romper o sol.

— No estado em que hontem o encontrei, não me admirava que ficasse todo o dia na cama.

— Não me posso acostumar a melindres, que tambem não me fazem grande falta. A carne, que é fraca, afadiga-se, extenua-se, necessita de repouso, mas eu só tenho ossos...

E dizendo isto com pungente ironia olhava para o seu corpo, onde effectivamente os ossos pareciam querer fazer á pelle o mesmo que em tempo já haviam feito á roupa — esburacal-a.

— Tem então sido muito desgraçado? — perguntou Martinho com a barbara curiosidade dos felizes do mundo.

— Não me queixei ainda.

— Pobre e orgulhoso! — resmungou Martinho. — Irra! vae para o diabo que te ature.

E como visse que o mendigo não queria adeantar conversa, resolveu-se a ir tractar da vida; e fazendo menção de se retirar, accrescentou:

— Em sendo horas de almoço, cá o mandarei chamar.

— É muita bondade — respondeu o outro — mas eu é que não devo abusar. Bem basta já o que me fez, ainda que não sei se teria sido melhor ter-me deixado ficar onde me encontrou.

— Mas então de certo estaria morto de frio a estas horas?

— É uma morte como outra qualquer! E ainda que assim não fôsse, nada tinha com isso.

— Nada tinha! Essa não é má! Homem, vossê é exquisito! Nada tinha com que morresse! Tem graça. Vossê sabe o que é morrer?

— Para uns póde ser uma grande cousa...

— Se lhe parece que não!

— Para outros póde ser... uma insignificancia. Questão de tempo e de lugar, nada mais.

Martinho encolheu os hombros com ar de quem n'aquella hora não daria um pataco falso pelo juizo do seu hospede. Este continuou:

— Ter vivido sempre na dependencia de homens, que só tractaram de nos explorar, ter experimentado todos os revezes da sorte, é pagar bem caro um desvario da mocidade! Não lhe parece? Eu tive uma sorte assim: diga-me pois que encantos posso encontrar em viver?

— Eu sei?... O que me parece, dêem-lhe lá as voltas que lhe derem, é que a morte é o cabo da cortezia. Eu cá, como não vi ainda o que lá vae pelo outro mundo, nem falei com pessoa que já lá estivesse, acho este muito bom; e quando chegar a minha vez d'espichar a canella, acredite que não o faço por minha vontade. Mas emfim cada um sabe as linhas com que se cose... Não obstante, o almoço não tem nada para o caso... vossê espere, que por sua causa não se accrescenta a panella.

— Bem sei. E agradeço de novo como se aceitasse. Mas acho-me tão fraco...

— Por isso mesmo. É mais uma razão...

— Não me percebeu. A minha fraqueza não é... fome, é agouro de morte. De um momento para o outro póde...

— Que está vossê para ahi a arengar, homem de Deus? Quem é que sabe quando é a sua hora?

— Sabem-n'o aquelles que não tem laços alguns que os prendam á vida. Eu não quero levar saudades d'este mundo. Um homem como eu morre como tem vivido — ao desamparo, á beira d'uma estrada — ou esquecido na podridão d'um hospital.

— Sabe o que lhe digo? Eu cá sou portuguez ás direitas, não tenho papas na lingua. Parece-me que a respeito de bola, não anda por lá isso muito bem regulado.

— Então não vens almoçar? — perguntou Marianna, assomando á porta. — Já te chamei umas poucas de vezes, e cuido que tinhas os ouvidos no ferreiro.

— Ó Marianna, se soubesses o que este subjeito me tem estado a dizer!

E Marianna, levada pela curiosidade, penetrou no quarto. O pobre tornou a encaral-a com assombro, e impensadamente soltou estas palavras:

— Marianna! Aqui... em tua casa... Como és justiceiro, grande Deus!

— Miguel! Tu! Oh! meu pobre irmão!

— Teu irmão! — exclamou Martinho, estupefacto.

— E eu que tanto te queria poupar esta vergonha!...

— Quem é que o havia de dizer? — tornou Marianna sem attender ás reflexões do irmão. — Quem é que o havia de dizer? O coração não sei que me adivinhava... mas como é que te poderia reconhecer? Como terás soffrido para chegar a esse estado!

— Á mêsa é que melhor se fazem os reconhecimentos — accudiu Martinho. — Vamos almoçar. Ao menos tenham dó de mim, que estou a abanar de lazeira.

(Continúa). AUGUSTO SARMENTO.

TO BE OR NOT TO BE

Não te parece esta existencia clara,
E deploras que o vate da tristeza
Abandone com tanta ligeireza
Quanta mulher gentil ancioso amára.

Mais frio que Blondin sobre o Niagára,
Julgas minh'alma em vis paixões accesa;
E comtudo, nas ostras da belleza
Eu só procuro o amor, perola rara.

Seja a mulher como um reptil hedionda,
O typo ideal da estupidez suprema,
Um monstro informe que da luz se esconda;

Ou seja a Venus do marmóreo poema,
Um modêlo de artistas, a Gioconda;
Ser ou não ser amado, eis o problema.

22 de julho de 75. JOÃO PENHA.

ESTUDOS LITTERARIOS

II

ÉPOCA MYTHICA

Já dissemos que os primeiros poetas da Grecia reuniam o triplice caracter de cantores, sacerdotes e prophetas. A religião era a sua musa inspiradora, e, por ella, alcançaram os seus maiores triumphos contra a barbarie. A lyra e a harpa acompanhavam-lhes os cantos; e a musica e a poesia davam-se as mãos em effluvio fraternal, sem jámais se separarem.

O desenvolvimento da poesia d'esta época operou-se ao norte da Grecia, habitado pelos Pelagios, antiga raça, que alguns historiadores consideram como autochtone da Thracia, Thessalia e Beocia, aonde abundam os monumentos consagrados ás recordações religiosas.

Lino, Olen, Orpheu e Museu foram os mais célebres de todos os poetas d'aquelle tempo, simultaneamente legisladores, prophetas e musicos.

A sua historia é mythologica, e são apocryphos os versos que se lhes attribuem.

Nós, descondensaremos tanto quanto possivel, as trevas artificiosas, que muitos eruditos ajunctaram á obscuridade propria das tradições das remotas eras.

Forçoso é, pois, confessar que é muito susceptivel de discussões esta materia, porque a sciencia depois de ter, por exemplo, durante muito tempo, tentado averiguar quantos Linos e Orpheus hão existido, ainda hoje, apesar de tudo, indaga e pergunta se realmente houve um só Lino e um só Orpheu, ou se estes nomes, justamente venerados, teriam uma significação symbolica, para designarem grupos ou escólas poeticas.

Vê-se pois que temos de abandonar o campo das investigações, com relação a esta época extremamente obscura, por ser impossivel fixar as datas do nascimento e morte dos referidos poetas e catalogar as suas producções.

* * *

Um dos Linos mencionados pela antiguidade era filho d'Apollo e de Calliope; e conta-se que foi morto por Hercules, ao qual ensinava musica, mas sem proveito. Thebas assistiu muitas vezes ás festas que commemoravam este fim inesperado e tragico.

Outros contam que morrêra devorado por cães, e que durante a festa instituida em sua honra eram victimados á paulada quantos d'estes animaes appareciam errantes.

Stoben apresenta-o como autor de dôze versos, que desenvolvem a maxima dos pantheistas : *Todas as cousas véem do Todo; o Todo fórma-se de todas as cousas*. Tambem lhe attribue dous versos relativos ao Poder Divino.

* * *

Olen foi um poeta do norte, que creou, primeiro na Lycia, e depois em Delos, uma colonia sacerdotal, e que instituiu o culto de Apollo e Diana, nascidos, segundo elle, nos paizes hyperboreaes.

As suas odes eram não só cantadas senão tambem representadas, ou melhor, acompanhadas d'uma liturgia dramatica.

Olen é conhecido pelo testemunho do historiador Pausanias.

* * *

O nascimento d'Orpheu remonta ao seculo XIV, antes da nossa era. É sobejamente conhecida a catastrophe que lhe poz termo á exi-

stencia, attestada pelas instituições que lhe sobreviveram, pelos mysterios e iniciações, que, a principio destinadas a garantirem a pureza das doutrinas do poeta, degeneraram em superstições e embustes.

Orpheu aboliu os sacrificios humanos e instituiu uma expiação para pôr termo ás vinganças de familia, que se perpetuavam de geração em geração [1]. Tambem dizem que tomou parte na célebre expedição dos argonautas.

Eis como o nosso Filinto, em versos como hoje se não fazem, descreve a morte d'este poeta:

ORPHEO

DESPEDAÇADO PELAS BACCHANTES

Em quanto a si trazia o thracio vate,
Com metros taes, os animos das feras,
Os bosques, e as sequazes penedias;
Eis as Cicóneas noivas, que cobrião
Eivados peitos com ferinas pelles,
De cima d'uma emposta a Orpheo avistão,
Que o canto ajusta co'as feridas cordas.
Sôlta a madeixa aos ares, uma d'ellas:
— *Lá está* (lhe diz) *quem nos despreza.* — E logo
Á do vate phebêo canora face
O thyrso arroja, que enleado em folhas,
Resvala, sem ferir, magôa, e passa.
Faz tiro, outra, c'um seixo, que, zunindo,
Rompe os ares; mas, lá, vencer-se deixa
Da accorde voz, da harmoniosa lyra:
E aos pés lhe cahe, perdão quasi pedindo,
Do phrenetico arrojo. Porém cresce
A temeraria guerra; reina Erynnis
Insana, e sem maneira. Bem que o canto
Podera embrandecer todo o arremêsso,
Se a vozearia ingente, o inchado tubo
Da Berecynthia gaita, os atambores,
As palmadas, os uivos das bacchantes
Não lhe estrugissem lyra, e délio canto.
C'o sangue, então, do vate não ouvido,
Os penedos, por fim, se avermelhárão:
Que aves, serpes sem conto, inda enlevadas
Na musica doçura, e o cerco espesso
De alimarias, brazão de Orpheo theatro,
Já as Ménades d'alli, expulso o tinhão.
Eis volvem contra Orpheo as mãos cruentas,
E se embandão, quaes passaros, que avistão

1 Schoel, *Histoire de la littérature grecque.*

Vagar, em dia aberto, ave nocturna;
Ou qual no côrro amontoado em torno
Prêa é dos cães perecedouro cervo,
Na areia matutina. — Taes remettem
Contra o poeta; arrojão verdes thyrsos,
Para tão feio emprego não lavrados.
Estas terrões lhe atirão, seixos outras,
Ou de alto chôpo os escachados ramos:
E porque a furias taes não faltem armas,
Acaso uns bois, co'a rebaixada relha,
D'alli não longe a terra submettião;
Que as ferrenhas campinas os braçudos
Lavradores, nas messes pondo a mira,
Com farto suor volvião. — Mal descobrem
O bando, fogem; do lavor as armas
Deixão. — Pelo ermo campo jazem sachos,
Compridos enxadões, graves encinhos.
Tudo ellas roubão, té do jugo arrancão
(Sem tino) as vaccas de minaces cornos.
Já á sina voltão do penoso vate,
Que as mãos lhe estava erguendo, e que em tal lance
(Quem nunca em vão fallou) em vão fallava.
Sacrilegas o acabão; — que as não move
A voz de Orpheo! — Partiu-se-lhe a alma, expulsa
Aos ares, pela bocca, oh Jove; pela
Bocca, que as penedias escutavão,
E das feras calava nos sentidos.
Pranteárão-te, Orpheo, as aves tristes,
As feras da montanha, as duras rochas,
E os bosques, que arrastaste após teus versos.
Despindo as folhas, e escalvando o cume
Te chora o tronco; até os rios (dizem)
Que engrossárão com lagrimas sentidas.
As driadas, as nayades trajárão
Negros linhos, e as tranças desgrenhárão.
Desparzidos por terra os membros ficão:
Só tu, Hebro, a cabeça, a lyra acolhes;
E a lyra, que resvala, ao fio da agua,
Não sei que tristes queixas (oh prodigio!)
Vai toando; ou que flebil murmurio
Da lingua exangue vem. — Com echo flebil
As ribas lhe respondem. — Já deixando
O patrio rio, e pelo mar boiantes,
Surgem na praia de Methymna Lesbos.
Alli, na estranha areia, exposta a face,
Vem fera serpe, affronta-a; os espalhados,
Gottejantes cabellos lambe, e anhela
Atassalhar o hymnifero semblante.
Eis Phebo sobrevem, que o drago expulsa,
Quando investia c'o ferrenho dente,
E a guela voraz lhe gela em marmor.
Desce ao Tartareo, penetrando a Terra,
A sombra Orphêa; e todos, que antes vira,
Sitios recorda: a Eurídice procura
Pelas piedosas veigas, e encontrando-a,
Com saudoso abraço, a cinge e estreita.

A antiguidade attribue a este poeta, sem duvida o maior d'esta época: 1.° — hymnos d'iniciação em verso hexametro, que foram se não revistos, ao menos rejuvenescidos por Onomacrito, contemporaneo de Pisistrato, e que tinham por assumpto a theologia symbolica ensinada nos mysterios; 2.° — um poema sobre a expedição dos argonautas, verdadeiro germen da epopêa; 3.° — um poema didactico sobre as propriedades medicinaes de certas pedras; 4.° — varios fragmentos sobre differentes assumptos de historia natural, e, entre outros, uns sobre os tremores de terra considerados como signaes precursores de determinados acontecimentos; 5.° — finalmente, uns versos que faziam parte d'um poema astrologico do IV seculo da nossa era, e que João Tzetzis, poeta grammatico, colloca nas *Georgicas* d'Orpheu.

A maior parte d'estas composições pareceram authenticas até ao seculo XVII, em que Huet, bispo d'Avranches affirmou o contrario. A opinião d'este sabio levantou entre os homens eminentes em letras na Allemanha, uma polemica, fecunda em volumes, quasi esteril em provas, mas que em todo o caso despojou Orpheu da longa posse d'aquellas obras.

* * *

Museu, contemporaneo do antecedente, mais edoso do que elle, e, comtudo seu discipulo, era membro da antiga familia dos Eumolpides, oriundos da Thracia.

Nascido na Attica, em Athenas, ou em Eleusis, herdou a lyra de Orpheu, e continuou na Grecia a desempenhar o papel de civilisador que este assumira na Thracia.

Conservaram-se os titulos d'algumas das suas obras entre as quaes Schoell aponta: 1.° uma selecção d'oraculos; 2.° hymnos d'iniciação; 3.° carmes contra as doenças; 4.° *A Esphera,* poema astrologico; 5.° uma theogonia; 6.° uma guerra dos titans; 7.° preceitos de moral para uso de seu filho Eumolpe; 8.° um poema *Crater,* cujo titulo nem de leve indica o assumpto que trata; e 9.°, emfim, dous hymnos, um a Ceres e outro em honra de Baccho, além de mais algumas composições [1].

[1] O poema *Hero e Leandro* é d'outro Museu, grammatico, que viveu no seculo IV da nossa era.

* * *

Os titulos das obras e os fragmentos que chegaram até nós, attestam o caracter religioso de todas ellas, as quaes tem inspiração lyrica, e fundamento moral, historico ou didactico.

Por aquelle desenvolvimento facil é reconhecer-se o germen dos differentes generos que mais tarde floresceram separadamente.

III

ÉPOCA HEROICA OU HOMERICA

(1270 — 594 A. C.)

GENERO EPICO

Esta época da poesia hellenica vae desde o cerco de Troia até Solon e apresenta differentes generos, cultivados por vates eminentes. A epopêa e o genero didactico attingem, neste periodo, a maxima perfeição; o lyrismo produz obras primas.

Homero, o principe dos poetas gregos, e sem duvida o maior d'esta época, tem sido assumpto de muitas controversias, e a sua existencia, tal como é pintada, não passa d'uma lenda fabulosa. Sete cidades disputam a honra de lhe terem sido berço.

O espirito, ao analysar, admirar e apreciar a nobreza e as excellencias do genio immenso do grande mestre, não resiste, todavia, a formular as seguintes interrogações, dirigindo-as áquelles para os quaes o estudo da poesia grega e a existencia dos vultos passados tem sido alvo de profundas e incessantes locubrações.

¿ Só Homero trabalhou nos poemas firmados com o seu nome?

¿ Foram esses poemas em verdade escriptos, ou transmittidos pela memoria de geração em geração?

¿ Homero existiu realmente ou é apenas a personificação d'uma numerosa familia de poetas, um rhapsodista?

Dos criticos sobre o assumpto, o ultimo que se occupou do autor da *Illiada,* inclina-se a dar alguma verdade a todas estas opiniões, sendo de parecer que Homero é conjunctamente uma pessoa e um symbolo, um individuo e um ser collectivo [1].

A unidade da *Odyssêa* e da *Illiada,* attesta pelo menos para cada um d'estes poemas, a unidade de concepção. Mas a differença dos costumes descriptos nas duas obras induz a attribuil-as a dous poetas distinctos. Os numerosos retoques applicados pela historia, e o proprio estado do texto das mencionadas composições provam que a fórma primitiva das duas epopêas foi realmente modificada.

Passa como certo que os poemas homericos, levados á Grecia por Lycurgo, eram cantados por uns rhapsodistas, que recitavam separadamente trechos d'aquellas vastas composições, e que estes desmembramentos formam uma serie de contos epicos, distinctos pelos nomes de a *Peste,* a *Doloneida,* a *Embaixada,* o *Fabrico d'armas d'Achilles* e outros.

Como, porém, este habito de separar as partes do todo, punha em perigo o conjuncto do poema, fez Pisistrato reunir os fragmentos dispersos e estabelecer-lhes a unidade primitiva, que depois se conservou inalteravel. Mas se ficou subsistindo a ordem entre as partes da composição poetica, o texto foi retocado por quem claramente lhe imprimiu os traços do labor proprio.

A divisão da *Illiada* e da *Odyssêa* em vinte e quatro cantos só foi estabelecida pelos cuidados d'Aristarcho, celebre critico da escóla d'Alexandria.

Além da *Illiada* — o immortal episodio da guerra de Troia — e da *Odyssêa,* que desenha os longos trabalhos do regresso de Ulysses, são attribuidos a Homero varios hymnos historicos e o pequeno poema da *Batrachomyomachia,* epopêa heroi-comica, cujos heroes são os ratos e as rãs. Os antigos davam ao sublime cego a paternidade do *Margités,* poema satyrico que continha, segundo Aristoteles, o germen da comedia, do mesmo modo que a *Illiada* originára a tragedia.

A admiração consagrada ás obras do immortal poeta nunca teve contradictores, e Zoilo, unico detractor de Homero, foi justamente coberto d'opprobrio, por ter tentado ferir com o estylete venenoso da sua lingua a reputação inabalavel do grande vate grego. Modernamente, Crœsius quiz provar que a *Odissêa* era a historia dos hebreus, e a *Illiada* a historia do cerco de Jericó; — e o padre Hardouin demonstrou peremptoriamente que Homero, assim como Virgilio e Horacio, eram monges do seculo XIII! Lamotte tambem não pôde furtar-

[1] Guigniaut — *Encyclopedie des gens du monde* — art. *Homère.*

se á ridicula extravagancia de ter sido insensivel á belleza das obras primas do inclito mestre, desaffrontado por J. Chenier d'este modo:

«Por sobre o pó de Homero, o nobre, o grande vulto,
«Tres seculos passou a bronzea mão da Historia;
«Mas vive o poeta, embora ha tanto já sepulto,
«Nos sons da immensa Voz, no Pantheon da Gloria.»

A critica enfileira ao lado de Homero os poetas cyclicos, que cantavam em verso a narração completa d'alguma expedição, ou a vida d'um heroe digno.

Estas vastas composições, parte das quaes foram contemporaneas de Homero, e parte posteriores á *Odyssêa* e á *Illiada,* são hoje completamente desconhecidas, ou antes, não chegaram até nós.

(Continúa). ALFREDO CAMPOS.

É DIFFICIL !

(A JOÃO PENHA)

Um soneto, confesso, é cousa seria
Para mim, que, brincando, os versos trato.
Debalde cançaria o estro ingrato,
Se, rindo, não tratasse esta materia.

Ind'assim, não aspiro a ter pilheria
Nos versos, que fizer, sem apparato;
Nem que, a lapis, se tire o meu retrato,
Como a tanto cultor da musa iberia.

*

Mas conto, a não ficar no ocio immerso,
— Visto haver os quartetos acabado —
D'um terceto fechar com este verso.

Em fim, este barranco está passado...
E com mais um terceto, airoso e terso,
Ponho ponto ao soneto começado.

SEVERINO DE AZEVEDO.

A REFORMA

Desaba o velho mundo, e nas ruinas
Das suas carunchosas velharias,
Sepultam-se as antigas theorias,
Os preconceitos vãos, as vãs doutrinas.

O genio bate as azas peregrinas,
Buscando novos climas, novos dias;
E a lyra das caducas harmonias,
Tem por musa Proudhon, foge a Rosinas.

Dos monumentos das passadas eras,
Feitos em pó, que pelo ar ondeia,
Como as ondas do fumo das crateras,

Ergue-se um mundo novo, emfim, que anceia
Uma vida melhor entre as espheras,
O benefico sol da Nova Idéa!

1875. ALFREDO CAMPOS.

O RELOGIO

(NO ALBUM DO AMIGO E. BURNAY)

Eburneo é o mostrador: as horas são de prata.
Lê-se a firma Breguet por baixo do gracioso
Rendilhado ponteiro; a tampa é enorme e chata:
Nella o esmalte produz um quadro delicioso.

Repara: eis um salão: casquilho malicioso,
Das festas cortezãs o mimo, a flôr, a nata,
Juncto a um cravo sonoro a alegre voz desata.
Uma fidalga o escuta, ébria de amor e gozo.

Rasga-se ampla a janella: ao longe o olhar descobre
O correcto jardim, e o parque extenso e nobre.
As nuvens no alto ceu fluctuam como espumas;

Da paizagem no fundo, em lago transparente,
Onde se espelha o azul e o laranjal frondente,
Um cysne á luz do sol estende as niveas plumas.

GONÇALVES CRESPO.

SACERDOTISA

Eu córo de vergonha, ás vezes, quando
Do passado me volvo á sombra escura,
E me vejo, choroso de ternura,
Aos pés da fada que adorei penando.

Era formosa e linda. O rosto, brando;
No donaire, gentil; uma esculptura
Na pequenez do pé, na mão tam pura;
Uma Angelica viva, a flôr do *Orlando*.

E deixou-me na vida amarulenta,
Ermo e triste, a formosa Galatêa!
(Fatal recordação que me atormenta!)

Ha tres dias que a vi; tão nédia e feia!
Um velho murmurou, franzindo a venta:
— «Mal empregada num reitor d'aldeia!»

EDUARDO CABRITA

MEMORIA [1]

DAS

Biblias mss. que se acham na bibliotheca da real casa de N. S. das Necessidades

I. Uma biblia ms. em 2 vol. fol. perg. com letras iniciaes e figuras illuminadas no principio de cada livro. Foi do Conselheiro de Estado Nicolao José Foucault, que morreu no anno de 1721, pouco mais ou menos; tem por fóra na capa as suas armas; e por dentro as do Abbade Rothelin, a quem passaria por morte do Conselheiro Foucault. Antes d'este, tinha sido da Igreja Collegiada de Santa Maria de Vernon: o que já advertiu o Padre Le Long Biblioth. Sac. cap. 4, pag. 238, e se prova d'uma noticia, que se acha escripta no fim do segundo tomo de mão posterior, a qua ldiz assim: «VI. KL maii trans-«latio beati maximi cujus reliquie in federe dilectionis perpetue cum «omni reverentia et devotione a venerabili a. (Adamo) morinensi epc.º «et ejusdem loci venerando capitulo ecclie beate marie vrnon per ejus-«dem ecclie humiles ministros transmisse sunt, et ibidem honorifice «suscepte anno dni millesimo ducentesimo sexto decimo.» Além da noticia da translação de S. Maximo que referimos, traz tambem no fim do primeiro tomo escritas de mão posterior as noticias da tomada de Acre, e da batalha de Bouvines ganhada por Filippe Augusto. D'estas memorias a primeira acha-se copiada com algum erro em Le Long: porque lendo-se no logar já citado do nosso ms. d'este modo: «Anno domini M.C.X.C» (para concordar com a verdade da historia devia dizer an. 1191, em que verdadeiramente foi tomada Acre a 12 de julho) «reddita est acaron civitas transmarina. civitas nobi-«lis. philippo regi francorum; a duobus nobilibus et ejusdem civitatis «custodibus sclt mertoco et naracoso mense julio regnante seladino

[1] Esta *Memoria* inédita faz parte d'uma valiosa collecção de manuscriptos, que devemos á benigna condescendencia de Theophilo Braga.

«rege sarraceno viro probo et illustrissimo si fidem dei suscepisset.» Le Long por engano escreve an. 1102.

Segue-se immediatamente a esta memoria a da batalha de Bouvines, e diz assim: «Anno domini MCCXIIII. VI. KL augusti dia do-«minica ad pontem bouvinarum dimicavit philippus rex francorum «contra othonem regem alemagnie, et imperatorum romanorum. et «contra comitem flandrensem nomine ferrandum et contra comitem «bolognie renaldum»; etc. no que concorda tudo exactamente com a verdade. Ultimamente traz de letra ainda mais moderna, ou ao menos de outra mão diversa, dois disthicos á tomada de Acre.

A ordem dos livros sagrados n'esta Biblia he a que se segue. Até o 4.º dos Reis he a mesma que a da Vulgata; segue-se despois o Psalterio, d'ahi passa a Isaias; segue-se Jeremias, despois salta a Ezechiel; segue-se Daniel etc. até Malachias, não traz a profecia de Baruch nem separada, nem fazendo um corpo com Jeremias; aos profetas segue-se Job, e acaba o primeiro tomo. A ordem dos livros sagrados no segundo tomo, é a seguinte: Proverb. Ecclesiastes, Cant. Cantic. Sap. Eccles. Paralip. 1 e 2. Esther, Tobias, Judith, Esdras, Nehemias, Machab. 1 e 2. acaba aqui o testamento velho, segue-se o novo até ao fim do tomo. O padre Le Long no logar acima citado é de parecer que esta Biblia foi escrita pelo seculo XI.

II. Outra Biblia ms. em 1. vol. fol. em perg. mostra com pouca differença a mesma antiguidade da primeira, tem no principio letras iniciaes e figuras illuminadas como a outra. A ordem dos livros é a mesma; o primeiro tomo que termina no livro de Job, não o tem completo; porque acaba n'estas palavras do cap. 36, v. 4. *Vere enim absque mendacio sermones mei.* O segundo começa pelos Proverbios; mas está o livro acefalo; porque principia precisamente n'estas palavras do v. 23, cap. 1. *Meam: en proferam vobis spiritum meum, et ostendam vobis verba mea.* Traz os mais livros do velho testamento quasi pela mesma ordem da primeira Biblia. Segue-se o testamento novo. Antes de começar os evangelhos põem columnas em que se numerão os capitulos de cada um dos evangelistas, e se confrontão aquelles em que se referem as mesmas coisas, ou todos, ou tres, ou dois; e tambem os em que são singulares. Esta fórma de columnas se acha já impressa, como na Biblia Lugdunense de Jacob Sacon de 1519. O testamento novo neste tomo acaba na epist. ad Hebraeos cap. 6, v. 10. *Non enim injustus;* falta-lhe tudo o mais d'esta epistola; todas as catholicas, e o Apocalypse.

No primeiro tomo tem algumas notas marginaes, como v. g. ao cap. 1 de Jeremias esta: *Jeremias prophetavit annis quadraginta in diebus Oseæ filii Amon,* esta nota faz a figura de duas pyramides com os vertices um para o outro; tem mais outras tres ao mesmo profeta em figura pyramidal. A letra d'ellas é, quanto parece, a mesma do texto, mas mais miuda, e está cercada com uma linha encarnada que

vae buscando a figura que faz a nota, e a cérca por toda a parte, menos aonde principia a escrita. Tem esta Biblia em algumas partes tarjas cortadas, como na profecia de Jeremias, e na de Habacuc: no livro da Sapiencia tem cortado por igual um pedaço da parte exterior de uma folha.

Parece que póde ser esta Biblia uma de que tambem fala Le Long no lugar que já fica citado pag. 339. Elle a dá por escrita no seculo XII, e acrescenta que foi do conselheiro Foucault. As razões que favorecem esta conjectura são: 1.ª o serem dous exemplares imperfeitos; 2.ª o terem estas notas marginaes, não só as que já citámos, mas tambem nos evangelhos, aonde frequente se citão á margem os capitulos dos outros evangelistas em que são concordes. O que em substancia observou o padre Le Long na Biblia ms. de que trata no lugar mencionado da sua obra. Acresce a isto, o ter-nos vindo esta Biblia juntamente com a primeira, que sem duvida foi de Foucault; do que se póde com alguma probabilidade inferir, que por terem sido ambas de um dono, irião parar á mão do mesmo vendedor. A estas conjecturas obsta em primeiro logar, não descobrirmos nellas a razão porque Le Long diz que forão do mosteiro Becense; porém esta noticia poderia havel-a de outra parte, e não do que constasse das Biblias. Obsta em segundo logar o não ter as armas de Foucault; porém poderião passar a outro possuidor, que as não conservasse, como conservou o Abbade Rothelin as que estavão na encadernação da outra Biblia de Foucault, que tinha sido de Santa Maria de Vernon.

III. Outra biblia ms. em 8.º perg. 1 vol. com a primeira letra de cada capitulo illuminada. Não sabemos ao certo o tempo, em que foi escrita. Tem no fim uma interpretação das palavras hebraicas, e remata dizendo MCCCXV, porém a letra é posterior assim á da Biblia, como á do pequeno lexico d'onde conjecturamos que foi escrita antes do seculo XIIII.

IV. Esta antiguidade poderá tambem ter outra da mesma figura tambem em pergaminho, a qual está mutilada nos prologos que se costumão pôr nos principios das Biblias. No fim depois do Apocalypse traz alguns capitulos do 3. livro de Esdras.

V. Temos tambem o Novo e Velho Testamento em verso por Pedro de Riga Remense 8.º perg. Ainda que esta obra, que nunca se imprimio, se intitule nos livros que d'ella fallão, Aurora, no nosso ms. não se acha tal titulo. Foi corrigida por Egidio Le Clerc natural de Paris, e começa por esta epigrafe de 14 vers.

«Scire cupis lector, quis codicis istius autor,
« Audi quid breviter dicat ad ista liber.
«Petrus et Egidius mecum posuere; sed ille
« Auctor, corrector ultimus iste fuit.
«Ille prior Remus, hic Parisiensis etc.

Aonde se vê que os taes versos do epigramma foram feitos, vivos ainda Pedro de Riga, e Egidio Le Clerc; o que devia ser logo no principio do seculo XIII, por ter morrido Pedro de Riga no anno de 1209, como consta do Auct. Magni Chronici Belgici. A letra é bastante miuda e um tanto difficultosa de lêr. Tem esta obra notas marginaes. Se foi escripta no mesmo tempo de Egidio Le Clerc, ou por elle, não affirmaremos. O certo é que foi seu possuidor o Conselheiro Foucault, como consta do escudo das suas armas, que vem logo ao principio da parte interior da encadernação, e tem por baixo em letras maiusculas, *Ex Bibliotheca Nicolai Josephi Foucault Comitis Consistoriani.*

ULTIMAS LINHAS

Um dos muitos erros introduzidos ha cincoenta annos a esta parte na lingua dos Barros, Freires e Lucenas, é o de escreverem os nossos autores os nomes proprios estrangeiros, principalmente os gregos, como os escrevem os autores francezes.

Os nomes romanos, porque o estudo da lingua latina é quasi obrigatorio entre nós, teem escapado ás mãos da necedade, e vêmol-os escriptos com certa pureza regular em autores bem conceituados.

Em quanto aos nomes proprios gregos, a hecatombe é geral. Em livros de pseudo-classicos encontrâmos a cada passo, entre mil productos quejandos, aquella formosa creação da mythologia grega, Psiche (Psíque) transformada em Psichê; — Láis e Clóe, em Laïs e Cloé!

Vem isto a pêllo do soneto *To be or not to be,* que hoje publicamos, e onde alludimos á Bella Gioconda, uma obra prima da natureza, correcta por Leonardo de Vinci.

Esta formosa italiana, cujo nome completo é Monna Lisa del Giocondo, é entre nós a *Bella Juconde,* porque assim se escreve em francez. Ora, seguindo nós uma orthographia diversa, era de recear que algum dos nossos criticos da vasconsa, imaginando que mudámos *Juconde* em *Gioconda* por causa da rima, nos lançasse ao rosto os dous versos de Lope de Vega, attribuidos a certo escriptor nosso:

«Fuerza del consonante, a quanto obligas!
«Haces que sean blancas las hormigas!»

Por esta razão, decidimo'-nos a explicar aqui o motivo do nosso commettimento.

Dissemos que a gentil mulher de Francesco del Giocondo era conhecida na Italia por Monna Lisa del Giocondo, mas não é realmente assim: os artistas e todos os que prezam as bellas cousas da Arte, chamam-lhe simples e familiarmente, segundo o costume italiano, que era tambem o dos romanos, *La Gioconda, La Bella Gioconda.*

Em Roma, as mulheres dos Sempronios, eram Sempronias, as dos Fabricios, Fabricias. Em França, o costume é outro, é exactamente o opposto. Uma franceza, mudando de estado, segundo a phrase discreta do Codigo Civil, perde, além do nome de seus paes, o seu proprio nome de mulher. Apresentamos como exemplo M^me^ Emilio de Girardin.

Este costume, segundo a nossa opinião, tem como fundamento uma hypothese inverosimil: a hypothese de que a mulher franceza, casando, de tal arte se consubstancia no espirito, na carne, e no osso de seu marido, que deixa de ser o que era, e fórma com elle uma especie de ser hermaphrodita, um ente com as duas cabeças de Platão, uma para sentir, a outra para pensar.

Ora num paiz onde a philosophia, que mais sectarios conta, não é a de Spinosa, nem a de Kant, nem a de Fichte, nem a de Comte, mas a philosophia marital; e onde a respeito de certa occorrencia lastimosa a que só o homem está subjeito, se estabeleceu o principio (tam geralmente aceito, que hoje é tido por um logar commum) de que:

Quand on le sait, c'est peu de chose;
Quand on l'ignore, ce n'est rien —

neste paiz, dizemos, o fundamento real de semelhante costume, resulta da propria constituição das familias francezas, nas quaes não ha um chefe absoluto e unico, mas dous eguaes, e tão eguaes, que usam ambos do mesmo nome, tem os mesmos poderes, a mesma independencia, e o mesmo leito... nos quartos mais oppostos da casa.

O costume romano, seguido na Italia e em outras nações neo-latinas, tinha um fundamento poetico e natural. Uma romana, casando, nem perdia o seu nome proprio de virgem, nem a sua individualidade de mulher: adoptava o nome patronymico da familia para onde entrava, dando-lhe uma terminação feminina e dôce. Nem lhe competia representar o marido como soldado, nem como tribuno, mas era do seu dever represental-o como o escolhido dos seus amores, e por isso lhe effeminava o nome, como o sabia effeminar a elle proprio, quando ao voltar do Forum ou do campo de batalha, procurava no mysterioso gyneceu da casa, pequenino templo consagrado á Venus dos amores licitos, o repouso e a felicidade.

A Italia, como dissemos, adoptou este costume, assim como nós,

que ainda o conservamos nas provincias do norte, provincias onde até agora não chegou a phyloxera do gallicismo impuro.

Ainda hoje não é raro o ouvir-se em Traz-os-Montes: «as senhoras Machadas; as meninas Coelhas.»

Em Lisboa, se algum marialva ouvisse este dizer, vêl-o-iamos, apopletico de riso, cahir de batecú nos passeios do Chiado, como se o vendaval d'um sôpro lhe desconjunctasse os membros lassos e retorcidos.

D'este nosso conversar não se tire por acaso uma illação errada; ninguem supponha que defendemos a immutabilidade da lingua e da grammatica. Idéas e cousas novas requerem palavras coevas, locuções da mesma edade; — e a grammatica, pela simples razão de que deve seguir as evoluções da lingua, só póde conservar verdadeiramente immutavel o principio moderno de que — ha sempre grammatica onde ha clareza na transmissão dos pensamentos.

Aceitâmos por consequencia os chamados gallicismos [1] quando são necessarios, ou quando representam um cambiante de pensamento que debalde se procurará nos termos que lhes são correspondentes na lingua portugueza.

Abramos aqui um parenthesis.

Como os nossos phleugmaticos leitores mandaram vir novas garrafas de *pale ale* de Bass, suppomos que nos é concedida a honra de continuar este discurso. Pela nossa parte, ousamos tomar a liberdade de offerecer a tam surprehendentes cavalheiros alguns dos magnificos charutos, que Eça de Queiroz e o barão de Roussado nos enviaram, um da Havana, o outro de Bordeus. São de contrabando.

Fechemos o parenthesis, atando o fio ao nosso discurso.

Attitude, arabesco, conjunctura, finanças, cadastro, e *parque,* são por exemplo, gallicismos necessarios e indispensaveis.

Saltar aos olhos, cahir das nuvens, são expressões francezas, que não podemos substituir por outras melhores, e que por tanto devemos aceitar.

Golpe d'olho, chefe d'obra, homem de baixa extracção, côres quentes (couleurs chaudes), *bloco de marmore,* e quejandas, não podem tolerar-se por contrarias ao genio da lingua, mal soantes, e inferiores, como expressão, ás nossas correspondentes. Para substituir a primeira temos, por exemplo, *volver d'olhos,* ou, como diz Francisco de Andrade, no *Primeiro cerco de Dio,* no canto IV: *virar d'olhos:*

[1] Os francezes chamam gallicismos ao que nós chamamos idiotismos.

«Vai-se ao longo do rio passeando,
Que dos seus apartar-se determina,
Com brando *virar d'olhos* alegrando
Ora aquella clara onda, ora a bonina.»

ou, *quebrar d'olhos,* expressão ainda melhor de Mousinho, no canto VI do *Affonso Africano:*

«Quem póde resistir a um dôce e brando
quebrar d'olhos, que as almas vai roubando?»

Aos outros gallicismos que mencionámos, correspondem, como todos os nossos leitores sabem, *obra prima, homem de humilde nascimento, côres ardentes,* e *pedaço de marmore.*

Neste ponto devemos notar que muitas palavras e phrases, que são tidas como gallicismos por certos escriptores ultra-puristas, não o são realmente.

Por exemplo: *avançar proposições,* phrase que D. Francisco de S. Luiz declara gallicismo no sentido de *affirmar ousadamente,* não nos parece que o seja, porque não é empregada no sentido que o illustre academico suppõe, mas no de *apresentar proposições novas, demonstrando-as.* É por consequencia uma expressão figurada, que tem boa analogia com a significação propria do verbo portuguez «avançar».

Outro exemplo: *um outro,* que o habil director do *Cenaculo,* revista litteraria de Tondella, descobriu nas *Viagens* de Luciano Cordeiro, não deve tachar-se de gallicismo. É verdade que no adjectivo *outro* está incluido o numeral *um,* mas o que póde resultar da união d'estes vocabulos é tão sómente um pleonasmo, e nunca um dizer só proprio da lingua franceza, como sem fundamento solido o pretende o autor do *Glossario.*

Ainda outro exemplo, e será o ultimo.

O verbo *fuzilar* que ainda ha pouco era um gallicismo inutil, é hoje portuguez, academico, official... e regenerador. Tinhamos o *arcabuzar,* mas, por obsoleto, já ha muito que tinha desapparecido com os arcabuzes d'onde nascera. Era por tanto necessario um verbo novo que viesse substituir o que o seculo destruira. Esse verbo é o que acima apontamos: diz a *Historia* que o devemos ao actual presidente do conselho de ministros.

Mas, — não são realmente os maus gallicismos de palavras os que nos trazem adulterada a lingua; são os gallicismos de syntaxe os quaes lhe vão transformando a indole, confundindo os systemas de construcção das duas linguas.

E este mal não tem remedio. Como as nossas producções litterarias: dramas, romances, poemas, folhetins, livros de critica, de scien-

cia e de historia, e até diccionarios, são traduzidos quasi todos, e traduzidos em vasconso puro, adoptou-se entre nós, por decencia e economia, o costume de lêr antes os escriptos originaes; e é d'este costume, em principio bom, que resultou o haver hoje em Portugal duas linguas: a que se fala, e a que se lê.

Ora, estas duas linguas, postas sempre em contacto, de tal-modo e tam subtilmente se teem confundido, ainda nas intelligencias mais robustas, que muitos escriptores, não podendo já descriminar o que pertence a uma, e o que pertence á outra, escrevem muitas vezes como lêem, julgando escrever como falam.

Por estas razões, estamos bem de assento que é inevitavel a transformação completa da lingua de Camões, e que serão os modernos faias da litteratura espirituosa os que lhe darão o ultimo golpe.

Haja vista á sua linguagem de todos os dias, só comparavel á d'um alumno de francez, traduzindo em face d'um clerigo de Moimenta da Beira, seu digno mestre, uma pagina de A. Karr ou de Méry!

— Mas, dirá algum dos leitores que nos escutam, referindo-se ás *Claridades do Sul,* este livro é bom!

— É admiravel, respondemos nós, só é pena que fosse escripto pelo Gomes Leal...

Além das *Claridades do Sul,* recebemos ainda o segundo livro de *Viagens* de Luciano Cordeiro; — *Lições de litteratura portugueza,* de J. Simões Dias, *Bibliographia da Imprensa da Universidade* (72 a 73) de Seabra de Albuquerque, e o *Christianismo e o progresso* de D. Antonio da Costa.

De todos estes livros, como dos anteriormente recebidos, daremos a noticia que merecem aos nossos benignos leitores.

Summario

I	Litteratura hespanhola — Amador de los Rios.	*J. Simões Dias.*
II	Tristezas	*Manoel Sardenha.*
III	Pagina antiga	*D. Ennes.*
IV	Altivola	*M. Duarte d'Almeida.*
V	A gallinha da vizinha (conto)	*Augusto Sarmento.*
VI	To be or not to be	*João Penha.*
VII	Estudos litterarios	*A. Campos.*
VIII	É difficil	*Severino d'Azevedo.*
IX	A Reforma	*Alfredo Campos.*
X	O relogio	*Gonçalves Crespo.*
XI	Sacerdotisa	*Eduardo Cabrita.*
XII	Memoria inedita	*Anonymo.*
XIII	Ultimas linhas	*João Penha.*